



recontado por  
**CESAR ZANIN**

perturbazione  
**IN CIRCOLO**

**25**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

*Mojo working.* Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

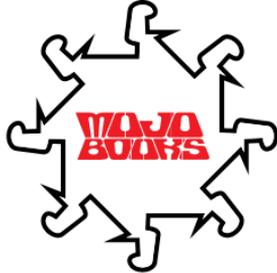


**VOLUME 25**

---

**IN CIRCOLO**  
**perturbazione**

recontado por **CESAR ZANIN**



**VOLUME 25**

---

**IN CIRCOLO**  
**perturbazione**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Mai de 2007**

# ONTEM (UM)

Faltam dois dias para o início do carnaval. Carnaval me faz pensar em confete, em cerveja, em suor e em sexo. Também, todo aquele pessoal com aquela pouca roupa...

*Fevereiro é o mês mais frio do ano.  
Tem o despertador, que quebra o silêncio.  
Deve ser alguém de férias.  
E o despertador toca por horas, apartamento  
é foda, ouve-se tudo, que frio!  
Talvez tenha dormido seis meses seguidos,  
mas pareço tão cansado, cansado demais.  
No outro hemisfério chamam fevereiro de  
inverno...*

Essa era a letra da última canção da minha banda que ouvi Maria cantar.



\* \* \*



Sabe, eu gostaria de sair na porrada com o primeiro que passasse na rua me olhando sem motivo, ou talvez conduzir um programa criativo na televisão e, porque não, recitar num filme pornô. Sim, queria ficar no CERN<sup>1</sup> estudando física Zen, queria tentar tirar notas máximas e sentar por anos e anos em minha poltrona. Ou casar-me em Las Vegas com Julieta — me esperando na sacada, em Verona. Ganhar o pão de cada dia tocando piano em algum bar. Eu gostaria até de ficar na fila do correio por mais de três horas e depois reclamar. Gostaria de receber mensagens do além no celular. E depois dormir, acordar, comer, dormir, acordar e olhar as estrelas.

As estrelas são bonitas. Pelo menos eu acho. Ainda não parei pra pensar se o que acho bonito é a minúscula bolinha

---

<sup>1</sup> Organização Européia para Investigação Nuclear, mais conhecida pela sigla em francês CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*), é o maior centro de estudos sobre física de partículas do mundo. Localiza-se em Meyrin, perto de Genebra, na Suíça. No meio acadêmico, ficou conhecida por inúmeras experiências com colisores e os diversos prêmios Nobel ganhos por seus pesquisadores. Popularmente, ficou conhecida pela invenção da *World Wide Web*.

prateada e brilhante que consigo ver quando a poluição permite ou se é todo o aparato conceitual que montei ao redor. A questão, nesse momento, é parar de pensar em parar de fumar. Parar de envelhecer, de engordar, de drogar as moscas e os pernilongos, de poluir, de votar, de suar, de comprar, de pagar, de ter domingos bestiais, de escutar músicas comerciais. Simples assim, como se não fosse nada, como se não contasse, como se aquele longo caminho que me leva ao espelho pela manhã não pudesse me influenciar mais do que eu desejasse.

Esperarei por isso, fiz tanto, deixei outro tanto pra trás, por isso, e agora que estou quase lá não entendo o que sinto ou não sinto o que esperava sentir. Nem é difícil entender que devo sair da frente deste monitor e ir até o quarto, deitar e fechar os olhos. Amanhã tenho que pegar o ônibus das oito e a estação é longe daqui e está sempre lotada. Preciso dormir.

Mas vou dar uma volta, a pé. Amanhã eu durmo no ônibus.



## ANTES (DOIS)

— Eu não conseguia ir além dos poucos passos no parque, naquelas noites de novembro, tentando não perder o fio da meada, quando estávamos no assunto que te assustava — eu ainda estava recuperando o fôlego.

Ela me retornou, depois de um breve intervalo, um “como assim?”.

O relógio fazia tic-tac.

— O que você esperava, amor, pra me dar sua mão? — perguntei a Maria enquanto ainda estávamos na cama.

— Bruno, você me conhece, eu não queria chorar, eu tinha que demonstrar força.

Maria morria de medo da morte e também demonstrava pavor em me perder. Então eu fiz o costumeiro papel de babaca e desapareci:

— E se um belo dia um mal qualquer nos levasse pra longe, separados, ou se mesmo perto de mim a vida aos poucos se entristecesse pra você?

Ela chorou. Foi um choro silencioso, meio disfarçado. Tentei arrumar:



— Pois então, eu acabei escrevendo uma canção pra ser cantada quando ficar escuro, sabe? Pra quando não terei forças para cantar.

Ela pareceu não dar muita bola.

— Eu já sei que no fundo odiarei essa canção, mas cantarei do mesmo jeito — completei.

— E como é?

— É perverso imaginar-se morto, estendido no caixão, enquanto o mundo em volta chora e se desespera. Não é tão errado, enfim, ficar gritando quando se está com medo, quando se sente mal.

— Mas eu não estou gritando agora, não tenho gritado mais. Bruno, você não entende.

— Será? E se um dia eu perdesse o equilíbrio? Eu sei que você vai odiar mesmo essa canção, mas a cantará de qualquer jeito.

— Bruno, será que um dia você vai ter consciência do quanto eu amo você?

Nesse momento ela estava balançando a cabeça, devagar. Eu lhe dei um breve beijo, virei para o outro lado e pus as mãos debaixo do lençol. Aquela era uma canção de amor, a mais bela que eu poderia compor.



\* \* \*

Eu e Maria já estávamos namorando fazia um bom tempo. Éramos bons amigos desde os tempos de faculdade, mesma época e local em que montei minha banda. Maria também conhecia o pessoal da banda. Aliás, naquele lugar todo mundo conhecia todo mundo.

A banda me trazia uma satisfação imensa, era algo muito prazeroso. Ensaiávamos no porão da minha casa ou na casa de algum outro integrante; e em ocasiões especiais — como preparação para um show ou gravação — em um dos dois estúdios da nossa região. O único problema é que não conseguíamos nos manter como banda, quer dizer, éramos obrigados a encarar outro tipo de trabalho pra nos sustentar — e para levar a banda adiante. Não queríamos e não podíamos mais depender dos nossos pais, e isso era um sacrifício enorme. Eu não entendia porque não conseguíamos viver de música e acreditava, de verdade, que era só uma questão de tempo, apesar de todas as pendengas.

Maria era linda e meiga, eu sempre me perguntava o motivo dela ter se apaixonado por mim. Estávamos cada vez

mais firmes, apesar de todas as brigas. Brigas a meu ver inúteis e banais. A meu ver.

Lembro-me bem do jeito “peculiar” que escolhi para pedir a mulher da minha vida em casamento — incrível cair na real, mas sim, tínhamos “crescido”, ela já era uma mulher — um bilhete deixado no travesseiro antes de sair para o trabalho:

“tempo de eleições na vida a dois, você aumenta suas promessas e eu as minhas”.

Coisas do tipo “você vai casar comigo? Você quer ter filhos? Mas quantos?”, entende?

No caminho para o trabalho, na calçada, eu já podia até visualizar as risadas dos meus amigos, ou então os parentes no karaokê cantando *My Way*<sup>2</sup>. Cheguei a pensar que iria me sentir meio mal, mas finalizei o devaneio perguntando a mim mesmo “quem é que poderia te forçar a entrar nessa?”.

Desde então, até a data do casamento, eu costumava brincar com Maria dizendo algo do tipo “olha só, tem uma pesquisa aí que indica que em maio você vai me dizer sim”. Ou “vou jogar com astúcia, com diplomacia e no fim da campanha

---

<sup>2</sup> Canção do repertório do cantor norte-americano Frank Sinatra, depois regravaada por vários artistas, entre os quais o cantor norte-americano Elvis Presley e a banda punk inglesa Sex Pistols. Trata-se de uma adaptação para o inglês da canção francesa *Comme d'habitude*, composta em 1967 por Claude François.



você será minha”. E ela sorrindo me respondia: “se levarmos em conta a pesquisa, em maio vou te dizer sim”.

O pessoal da banda, sempre meio desligado e tranqüilo, me dizia que eu era doido, que eu iria acabar me distanciando, que teriam de procurar outro para o meu lugar e que isso seria muito trabalhoso, então prefeririam fazer *trash metal* ou *hardcore* com letras rancorosas e a culpa seria minha.

Eu ria e tentava me justificar: “não me resta alternativa, cedo ou tarde se entra em campo”. E ao chegar em casa e vê-la, pensava: “sabe, pode até ser legal...”.



## DEPOIS (TRÊS)

*A cada dia que passo por aquele pedaço de estrada, onde perdi o controle.*

*A cada dia que passa, apodrecem as flores deixadas como recordação.*

*De você que não conheci, de você de quem não me esquecerei jamais. De você.*

*Toda vez que fico sem fôlego, olhando as estrelas.*

*Cada segundo que passa é uma outra pequena ruga.*

*Por você que não conheci, por você de quem não me esquecerei jamais. Por você.*

*É aconchegante, o pôr do sol.*

*Se todo esse céu coubesse num cartão postal, eu gostaria de poder enviá-lo a quem deixei pra trás.*



Foi com o acidente que tudo mudou. Além da canção. Fiquei fora. Chapei sem tomar nada. Não foi o carro, eu nunca liguei pra carro. Não foi o braço, a perna e a clavícula fraturados, nem os cortes todos com todo aquele sangue — nunca mais consegui ter uma relação boa com sangue.

Sem querer ser insensível, muito menos vil, hoje acho que nem mesmo a morte daquela garota foi o principal motivo daquela reviravolta em minha vida. Claro, na época foi horrível, ainda hoje é, mas o que antes eu confundia como sendo o fim, hoje identifico como o começo de uma outra existência, amargurada e cheia de mágoas que não existiam antes.

A banda era a única coisa que me fazia reagir, parecia que ia dar certo, que conseguiríamos um contrato, que conseguiríamos gravar um disco, fazer uma turnê.

Ao mesmo tempo em que tudo isso me deixava contente, Maria e eu estávamos cada vez mais distantes um do outro. Ela insistia com aquela história de deixar de me amar. Mas sem brigar, nem isso conseguimos mais.

Ela insistiu tanto em me punir que eu acabei entrando em *tilt*. Eu não sabia se ela estava me punindo por causa do acidente ou por causa das noitadas com a banda. Eu até cheguei a me abrir, dizendo que a amava e que não queria outra garota,



nem por alguns minutos. Mas foi só no começo que eu tentei explicar. Ela não entendeu, culpava cada vez mais a banda e quando eu respondia com o silêncio, ela acabava dizendo que a banda era só uma desculpa minha, que era eu o culpado, não a banda ou o acidente.

Aconteceu que passei a fazer o que ela me acusava de ter feito quando eu não tinha feito.

Dia após dia, voltava pra casa sem uma desculpa por ter ficado até tarde na rua de novo, com a roupa toda amassada, com a blusa nos ombros, com os passos vacilantes — de quem bebeu demais, de quem comeu com pressa, de quem sorriu pra todo mundo, de quem procurou prazer fácil, de quem se adormentaria de frente pra televisão. Ao menos pude escrever uma canção sobre “dormir sem uma desculpa por ter passado por mais um dia estacionado, acordar sem uma desculpa por ter dormido”.

A briga mais estranha que tivemos originou nossa separação definitiva. Começou quando eu lhe disse: “você é meu amor, você é minha vida”. Meia hora de insultos e eu pedi pra ela repetir o que eu tinha falado no início. Num momento de calma, ela ficou em silêncio, abatida, e foi então que gritei:



— Você é a luz que todo mês devemos pagar, você é o aluguel que devemos pagar, nós somos aqueles fios do poste interno de casa, que uma hora dessas alguém pode cortar se não continuarmos a trabalhar todo santo dia. Tem gente que diz que será impossível se salvar. Mas se salvar talvez tenha se tornado a única razão pra dividir com você!

Maria então disse que achava que estava apaixonada por uma outra pessoa. Nos separamos.



# HOJE 1 (QUATRO)

Quem seria o Bruno de verdade? Eu me perguntava sempre.

Reencontrar-se assim, como um filme depois dos *trailers*, como as cores ao fecharmos os olhos. Procurando um nome sem nunca lembrá-lo, como um inocente na prisão. Ficar só. Cem mil histórias semelhantes à minha. Sempre que esbarro com um conhecido na rua e escuto “até mais” penso “adeus”.

Tento concentrar-me para recomeçar do zero. Pra não ficar de fora. Não é sincero, mas no fundo quem é que já conseguiu ser sincero? Queria apenas ficar mais leve. Não é assim tão divertido, sentir-se fora, fora de moda, fora de si próprio, ataque de pânico. Não é assim tão divertido. Cada ida ao fundo é uma corrida para quem ainda tem fôlego pra gastar.

A banda acabou conseguindo o tal contrato, fizemos a tal turnê e estávamos pra lançar o primeiro disco.

Levantei, depois de três horas de sono, fui ao banheiro, lavei o rosto com sabonete, escovei os dentes e penteei os cabelos. Fui à cozinha e comi algo. Atendi ao telefone e garanti



ao produtor que estaria presente no estúdio na hora marcada para a última audição da mixagem final aprovada, para que ele pudesse então mandar a fita *master* pra gravadora. Depois haveria uma sessão de fotos e uma entrevista pra uma revista de música e, por fim, um jantar de comemoração.

O dia mais importante da minha vida em muito tempo.



## HOJE 2 (CINCO)

— Uma passagem ida e volta, por favor. Ida pra hoje no próximo ônibus e volta amanhã ao meio-dia — tinha chegado minha vez na bilheteria.

— Preferência de lugar para a volta? — a funcionária, que devia ser nova, me fez lembrar Maria.

— Janela, obrigado.

— O próximo ônibus com lugares disponíveis parte dentro de uma hora, senhor.

Eu me perguntava como ela podia ser tão bonita e me passar tanta raiva mesmo sendo cordial.

No momento em que vi Maria entrando na sala de espera da estação — era a Maria, não a funcionária nova — eu estava pensando em como batizar o disco. Ela só me viu quando eu já estava a poucos passos do banco onde ela sentou.

— Oi, tudo bem? Eu te vi entrando e resolvi vir te dar um alô — na verdade tinha pensado em agradecê-la ironicamente, por ter servido de inspiração pra tantas canções.

— Oi, Bruno.



Depois de alguns minutos de silêncio, eu fiquei preocupado porque aquelas lágrimas que escorregavam pela minha face deveriam ser velhas — eu não conseguia chorar fazia tempo —, além da curiosidade óbvia de descobrir se a única lágrima que escorreu por sua face era pelo mesmo motivo que as minhas.

— Maria, como você está?

— Se não é verdade que você não se sente sozinho, Bruno, então porque você está tremendo em pleno fevereiro?

— Quanto mais eu olho pra você, mais você me escapa, e quanto mais você escapa, mais eu olho. Aí eu reflito um instante e te enxergo como você é. Sabe, você é um *iceberg*, aquilo que aparece pra fora ou quem sabe um pouco mais. Sim, você é um *iceberg*. Quantas lágrimas você congelou aí? — eu disse de uma vez só.

— Você é uma festa onde todos os convidados participam, tristes como só eles. Todos procuram ir embora cedo. Sim, você é uma festa — ela não demonstrava sinais de fraqueza alguma.

— E você é um naufrágio, é o destroço que afunda devagar. Ou a bóia de salvamento no meio do mar. Sim, um naufrágio — nem parei para pensar.

Silêncio. Faltavam então uns dez minutos para o ônibus partir.

— É um sonho divertido e você será a manhã seguinte. Não sabe que o tempo é uma roda numa descida? Não sabe que tem uma espera depois de outra espera? Está a fim de entusiasmo e você será seu vampiro. É um trem atrasado, pois você já saiu. É um daqueles momentos fugazes, mas você já tinha fugido antes. É um passo muito longo que te deixou pra trás. E você não pode ficar pra trás — ela então fez uma pequena pausa, claramente para recuperar o fôlego, antes de retomar.

— Você confundiu o sentido das minhas palavras. Você poderia não pensar mais nisso tudo e fingir que está tudo florido, como uma flor de vinte anos, fria e seca. É um equilíbrio frágil demais, uma canção que você não sabe cantar, uma resposta que você nunca tem à disposição — ela parecia impassível.

— Como você lamenta os anos passados... Dias errados, mas diferentes.

— Bruno, responsabilidade.

Então um beijo e um abraço. Um beijo leve, um abraço forte. Ela me perguntou se a tal canção do escuro estaria no disco, eu fiquei surpreso e respondi que sim com a cabeça.



Entrando no ônibus acabei encontrando o nome do disco: *360 Graus*. Afinal, vivemos em círculos,oras.



**FIM**



IN CIRCOLO

## SOBRE A BANDA

Pouco conhecido no Brasil, o Perturbazione foi formado na periferia de Torino (mais precisamente Rivoli), Itália, por amigos de colégio, em 1988. Começaram cantando em inglês e depois do primeiro disco mudaram para o italiano. Lançaram quatro álbuns de estúdio: *Waiting to Happen* (1998), *36* (1999), *In Circolo* (2002) e *Canzoni allo Specchio* (2005). Em abril de 2007 foi lançado o quinto disco, chamado *Pianissimo Fortissimo*, pela EMI italiana. A formação conta com voz, duas guitarras, baixo, bateria e violoncelo.

Ultimamente têm sido reconhecidos como expoentes do chamado *indiepop made in Italy*.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## IN CIRCOLO - PERTURBAZIONE

Design por Giacomo Spazio

Ilustração de Jean Gourmellin

Lançado em 2002

Selo: Santeria

Produzido por Fabio Magistrali e Perturbazione

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.perturbazione.com](http://www.perturbazione.com)**



## SOBRE O AUTOR

Cesar Zanin, 31, paulistano, é estudante (atualmente cursa a terceira graduação - em Letras e Culturas Modernas, na Universidade de Padova - sem nunca ter se formado), é músico (participou, como guitarrista/vocalista, baterista ou baixista, de varias bandas do circuito underground santista e paulistano, entre 1992 e 2004) e escritor amador (concluiu seu primeiro romance - chamado 360 Graus - no final de 2006), é correspondente da revista Rock Press ( <http://www.rockpress.com.br/> ), é ex-fanzineiro (editou o fanzine *O Bosque/Woodland*, entre 1994 e 1998), já trabalhou como barman, office-boy, vigilante, musico de bar, revisor, bancário, professor e operário, entre outras coisas, e desde 2004 mora com esposa e filho numa cidadezinha a 40 km de Veneza.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.



# 25 IN CIRCOLO

**PERTURBAZIONE**  
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. LA ROSA DEI 20
2. AGOSTO
3. MI PIACEREBBE
4. ROCKET COFFEE
5. ICEBERG
6. ARRIVEDERCI ADDIO
7. SENZA UNA SCUSA
8. THIS AIN'T MY BED ANYMORE
9. IL SENSO DELLA VITE
10. QUANDO SI FA BUIO
11. CUORUM
12. FIAT LUX
13. PER TE CHE NON HO CONOSCIUTO
14. I COMPLICATI PRETESTI DEL COME

